

Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação¹

From passion to the “animalitarian aid”: the paradox of the “unconditional love” in the care and in the abandonment of pets

Érica Onzi Pastori*¹
Liziane Gonçalves de Matos*²

Palavras-chave

Antropologia;
Animais de estimação;
Moralidades;
Sensibilidades.

Resumo: Neste artigo abordaremos, por um lado, o processo de humanização dos *pets*, mostrando que está em curso, em diversos níveis, uma maior aproximação dos seres humanos aos seus animais de estimação, movidos por uma “paixão animalitária” e gratificados pelo “amor incondicional” recebido de seus animais de estimação. A “família multiespecífica”, o médico veterinário dessa família e o mercado *pet* apontam para uma nova configuração em relação ao tratamento desses animais. Por outro lado, como contraponto, traremos os casos em que, para além do cuidado e do investimento, há o descarte e o abandono, o que envolve grupos engajados numa “ajuda animalitária”, dispostos a resgatar e prestar auxílio a estes animais necessitados.

Keywords:

Anthropology;
Pets;
Morality;
Sensibilities.

Abstract: *In this paper, we will discuss, on the one hand, the process of pets humanization showing that is ongoing, at different/several levels, a greater approximation of human beings to their pets, motivated by an “animalitarian passion” and gratified by the “unconditional love” received from their pets. The “multispecies family”, their doctor vet and the pet market point to a new configuration related to the treatment of*

1 Recebido em 16/03/2015 e aceito para publicação em 28/09/2015.

*1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: ericapastori@gmail.com.

*2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: liziane.gm@gmail.com.

those animals. And, on the other hand, as a counterpoint, we will bring the cases in which, beyond the care and the investment, there is the disposal and the abandonment, involving engaged groups in an "animalitary aid" willing to rescue and to assist these needy animals.

Introdução

O estudo aqui apresentado parte da junção de duas pesquisas etnográficas conduzidas a partir da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nos anos de 2010 e 2011, que tratam, por um lado, do lugar que os animais passaram a ocupar nas famílias e nos domínios do "mercado pet" na cidade e, por outro, do engajamento e da militância em prol dos animais abandonados. Ao mesmo tempo em que os animais de estimação estão cada vez mais presentes, alguns sendo protegidos, acolhidos e escolhidos para compor uma família, há outros que são descartados e que, por vezes, contam com o auxílio de grupos envolvidos afetivamente no resgate e na promoção de adoções.

Este artigo trata destas contradições que compõem o fenômeno *pet*, e busca analisar as emoções, as sensibilidades e as moralidades envolvidas no cuidado e na proteção dos animais de estimação de uma forma geral, e dos abandonados, de uma forma particular. Aqui, nossa proposta é de que categorias como "humanização" e "fronteira", bem como a suposta transposição, diluição ou corrosão entre as espécies, sejam analisadas à luz dos casos encontrados em campo. Busca-se, com isso, colocar em perspectiva não apenas as transformações da sensibilidade em relação aos animais e sua inserção na esfera de preocupação moral, como também as tensões e os conflitos que emergem desta configuração.

As transformações (e tensões), no que tange ao tratamento dos animais, não se constituem como fenômenos isolados em contextos específicos, como nos casos tratados neste artigo, e não dizem respeito apenas aos *pets*, como cães e gatos. Elas se fazem presentes, por exemplo, na proibição das touradas na Catalunha, aprovada pelo parlamento espanhol em julho de 2010², cujo último espetáculo foi realizado em setembro de 2011. Da mesma forma, desta vez na Inglaterra, na proibição da tradicional caça à raposa³, em fevereiro de 2005. O crescimento do movimento pelos direitos dos animais na China também é significativo dessas mudanças. Em maio de 2011, a BBC do Brasil, através da versão online do Jornal Folha de São Paulo⁴, noticiou o resgate, por parte de protetores e ativistas, de cães que serviam como comida em restaurantes no nordeste daquele país. Em 2013, o caso do resgate dos cães da raça Beagle de um laboratório de pesquisa na cidade de São Roque (SP), efetuado por um grupo de ativistas da causa animal, e amplamente divulgado pela mídia, também é representativo aqui.

2 Noticiada pelo jornal *El País*. In: goo.gl/4a5YDn.

3 In: goo.gl/4pxaOj.

4 In: goo.gl/QmE9Qe.

Esta conformação atual do tratamento aos animais está cercada de normatividades, interdições morais, e recebe importante atenção de veículos midiáticos. É isto que "salta aos olhos" atualmente, para utilizar a expressão de Delaporte (1988), destacada a seguir. Em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, o desenvolvimento (e o incremento) de políticas públicas para animais, como a proibição de animais em circos⁵, a restrição quanto a feiras de comércio de animais de estimação e a proibição da utilização de cavalos em carroças, que culminou na criação da Secretaria Especial dos Direitos dos Animais (SEDA) na cidade⁶, demonstra a existência do que poderíamos denominar de uma "ética da responsabilidade" em relação aos animais que corresponde a uma "economia moral"⁷ específica difundida e, de certa forma, imposta, para garantir seu "bem-estar".

Verifica-se que, neste contexto de mudanças de atitudes e valores, provavelmente nunca antes os animais receberam tanta atenção, seja de veículos midiáticos, seja do poder público, que passaram a dar ênfase ao "bem-estar" e à qualidade de vida dos animais, e mesmo aumentou-se a sua (oni)presença no cotidiano de seus companheiros humanos. Da mesma forma, é inédita a intensidade da preocupação com os animais, de uma forma geral, e, com os abandonados, de uma forma particular. Em nome deles - da "garantia de seus direitos" e de seu "bem-estar" - criam-se e modificam-se leis, proíbem-se práticas, etc.

Os animais e a antropologia

A temática da interação entre humanos e animais não é incipiente nas investigações antropológicas. Porém, como destaca Lézé (2002), a antropologia aborda os animais, ordinariamente, segundo três registros interdependentes: as representações dos animais, as funções dos animais e, muito raramente, as interações entre humanos e animais. Na mesma linha de raciocínio, Piette (2002) argumenta que a análise desta interação tem sido evitada pelas ciências sociais. Noske (1993) também destaca que os animais e suas relações com os humanos tendem a ser considerados indignos de interesse antropológico. E, neste sentido, segundo a autora, a antropologia se apresenta como flagrantemente antropocêntrica (NOSKE, 1993).

No entanto, a atenção às práticas e às representações sobre os animais não se apresenta como algo novo na disciplina, mas acompanha seu desenvolvimento (MULLIN, 1999; 2002; CHEVALLIER, 1988). Nas sociedades

5 Projeto de lei de autoria do deputado Miki Breier (PSB), aprovado pela Assembleia Legislativa em 2008, proíbe a utilização de animais silvestres, nativos ou exóticos em exposições nos circos ou estabelecimentos similares.

6 Quanto à criação desta Secretaria, ver detalhes em Liziane Gonçalves Matos (2012): *Quando a "ajuda é animalitária": um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS*.

7 No sentido empregado por Didier Fassin (2010, p. 16): *J'ai proposé de les définir plus généralement comme la production, la répartition, la circulation et l'utilisation des émotions et des valeurs, des normes et des obligations dans l'espace social: elles caractérisent un moment historique particulier et, éventuellement, un groupe donné*.

ditas complexas, por uma questão de delimitação do campo na divisão do trabalho intelectual, os estudos sobre animais e, mesmo sobre o relacionamento entre pessoas e seus animais de estimação, têm sido desenvolvidos predominantemente no campo da psicologia e da medicina veterinária. Não obstante, a antropologia tem uma longa tradição de estudos que privilegiam os modos pelos quais os grupos humanos e suas culturas lidam e concebem seu ambiente natural, incluindo outras espécies, sobretudo no campo de estudos dos coletivos indígenas (DESCOLA, 1996; 1998; 2005). Desta forma, as relações práticas e simbólicas estabelecidas com os animais estão no cerne do projeto antropológico, onde as análises sobre o totemismo propostas por Lévi-Strauss (1976) se apresentam como um dos referenciais clássicos. De "bons para comer" a "bons para pensar", em oposição à lógica utilitária, os animais ressurgem em trabalhos recentes que argumentam a importância de se explorar as ligações entre aspectos econômicos e semióticos do relacionamento entre humanos e animais nas culturas ocidentais modernas (MULLIN, 2002).

Os estudos clássicos existentes estão centrados no lugar simbólico e pragmático que os animais ocupam em contextos não ocidentais e/ou contemporâneos⁸. Porém, como destaca Delaporte (1988), nas sociedades ocidentais modernas, os índices de uma "causa animal" saltam aos olhos: o número de cães e de gatos que vivem em residências, o peso econômico do mercado de produtos para "animais de companhia", o aumento do número de associações de proteção e defesa dos animais domésticos, os debates sobre o "bem estar animal", etc. E, ainda, o surgimento de práticas e comportamentos novos, como a noção de responsabilidade, de compromisso, engajamento, cuidado, o aumento no número ONGs de recolhimento de animais abandonados e organizadoras de feiras de adoção, e o desenvolvimento de uma modalidade específica de mercado voltada para estes animais, como *pet shops*, clínicas de estética, hotéis, etc., têm chamado a atenção de pesquisadores e grupos de pesquisa interessados nesta temática *específica*, no sentido estrito do termo⁹.

Como destacou Thomas (1996), os animais nem sempre foram tratados da forma como são atualmente e, mesmo no presente, há variações

8 Tais como a briga de galos de Geertz (1973), o totemismo de Lévi-Strauss (1963), e o gado dos Nuer de Evans-Pritchard (1950), apenas para lembrar alguns dentre tantos.

9 Dentre esses pesquisadores que possuem interesse pelos animais não humanos na antropologia, podem ser destacados: as pesquisas desenvolvidas na França, no âmbito da *École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)*, que tem na figura do antropólogo Jean-Pierre Digard um de seus principais expoentes; o colóquio internacional organizado em 2011 pelo *Collège de France* sob o título *un "tournant animaliste" en anthropologie?*; nos Estados Unidos, houve a criação de instituições como o *Animals and Society Institute*, que produz o periódico *Animals and Society Journal*, bem como o periódico *Humanimalia - a Journal of human/animal interface studies*; a pesquisadora britânica Erica Fudge, cuja pesquisa é voltada para os *Animal Studies* e para a Renascença, atual diretora do *British Animal Studies Network* e que lançou em 2014 o livro *Pets (The Art of Living)*. No Brasil, pode-se citar os trabalhos pioneiros de Samantha de Oliveira, com sua dissertação de mestrado intitulada *Sobre Homens e Cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*, defendida em 2006 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e de Jean Segata, que tem artigos publicados sobre o tema e uma tese, intitulada *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*, defendida em 2012, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

significativas, inclusive com tensões explícitas, no que concerne ao tratamento e/ou utilização que lhes é conferido. Animais de estimação, no sentido estrito da palavra, ligado à estima, ao cuidado e ao apreço, nem sempre foram tão valorizados afetivamente. Animais "de companhia", para utilizar a terminologia francesa, constituíam-se em companheiros na jornada de trabalho e possuíam um valor utilitário especialmente no que diz respeito ao uso como força de trabalho. Segundo o autor, o início do período moderno na Inglaterra constituiu-se no marco histórico das mudanças de atitude em relação ao mundo natural, de onde emerge uma sensibilidade baseada na condescendência e no protecionismo.

Segundo Digard (2008), estas mudanças revelam o novo estatuto cultural que os animais passaram a receber atualmente: são cada vez mais "antropomorfizados", fazem parte da família, são tratados como crianças (para alguns, muitas vezes melhores que elas), servem como companhia e terapia. Porém, como o autor afirma, longe de ser unicamente um remédio contra a solidão, os animais fazem parte, juntamente com a casa e o jardim, do "kit felicidade" das famílias. Pensando nestas mudanças, Digard propõe o conceito de "petshismo", em analogia ao termo "fetichismo", pois, segundo ele, os animais de estimação podem ser analisados como uma espécie de fetiche contemporâneo que, por essa condição, são idolatrados como seres (praticamente) divinos. Inclusive, se pensarmos no "petshismo", torna-se possível compreender um pouco certas contradições contemporâneas: se, por um lado, os animais passaram a ser cuidados com o que há de mais sofisticado e complexo no mercado, por outro, existem muitos casos de abandono. A supervalorização e a coisificação seriam, assim, os dois lados desse suposto "petshismo" de que fala Digard.

Ainda, segundo Digard (1999), o amor indiscriminado conferido aos animais não participa do processo de civilização dos costumes, ou seja, de um controle social sobre as pulsões, tal como concebe Norbert Elias (1994). Pelo contrário, o amor desmedido aos *pets* estaria conduzindo a uma diluição das fronteiras e das identidades entre humanos e animais, produzindo uma confusão de identidades, de ideias e de sentimentos. Desse modo, para Digard (1999, p. 67-68), um novo obscurantismo estaria em curso, o qual "é uma das manifestações mais evidentes do recuo atual dos valores humanistas e do risco correspondente de regressão social e cultural".

Nesta mesma perspectiva, Kulick (2009) destacou que a diversidade de produtos e de serviços atualmente oferecidos aos animais de estimação sugere que eles são, em geral, agentes que frequentemente corroem a fronteira entre as espécies. Ao analisar especificamente o caso da obesidade de animais de estimação e a intervenção do Estado em prol dos animais acima do peso, Kulick enfatiza que este não é mais apenas um assunto humano, pois a obesidade teria atravessado a fronteira entre as espécies. Seguindo as argumentações deste autor, pode-se afirmar que não apenas a obesidade deslocou-se da seara dos acometimentos humanos para, supostamente, afligir os animais. Como destacou Jean Segata (2011, p. 189), é neste contexto de diagnóstico e de "tratamento de certas patologias antes atribuídas apenas aos humanos e, mais recentemente, a administração de medicamentos psicotrópicos" que emergiram os "cães com depressão" em seu universo de estudos. Segundo ele, os animais

não apenas ganharam acesso ao interior da casa, roupinhas, rações e direitos, mas também colesterol, problemas renais, câncer e depressão. Nesse sentido, a humanidade dos animais passou a ter um custo que não apenas o financeiro.

A "família multiespecífica" e o "amor incondicional"

Na literatura sobre animais de estimação, é comum encontrar referências sobre os afetos envolvidos nas relações que eles desenvolvem com os humanos, com quem co-habitam a casa. As referências francesas utilizadas aqui falam nos animais de estimação como produtos de uma paixão doméstica/ordinária (BROMBERGER, 1998) ou de uma paixão animalitária (DIGARD, 1999). Já na literatura norte-americana que chega ao Brasil, principalmente, por meio da médica veterinária e psicóloga Ceres Berger Faraco e pelo psicólogo Nedio Seminotti, há um debate produzido por uma nova área de estudos. Trata-se da *Antrozologia*, na qual há pesquisadores propondo maneiras de compreender as novas conformações familiares "multiespecíficas" alicerçadas em laços afetivos entre pais, filhos e *pets*.

Para o antropólogo Christian Bromberger (1998), os animais de companhia são uma forma de paixão doméstica que, por seu turno, é uma versão das *paixões ordinárias* – compartilhadas massivamente, assumidas individualmente, aceitas moralmente, vividas intensamente, mas sem abuso perigoso. Esses gostos são percebidos como aspirações legítimas à realização de si e ao reencantamento do mundo. Nessas paixões ordinárias, não estão inclusas as paixões erráticas ou minoritárias e é importante ressaltar que não formam um universo homogêneo.

Há uma moralidade relacionada a esses gostos, exige-se deles a gratuidade e apelam ao mérito. O investimento nessas paixões é tomado como sacrifício, um sacrifício que é agradável, que permite a experiência de abolição do tempo. Tais paixões exercem-se tanto na solidão quanto na efervescência coletiva. Bromberger (1998) questiona quais seriam as predisposições sociais que estariam na origem das paixões ordinárias: a família é importante fonte de transmissão, ainda que os caminhos da paixão não tenham um curso linear, sendo, muitas vezes, um drama na vida pessoal que frequentemente desencadeia a aventura passionai. "A paixão, que é ultrapassamento de si, aparece assim, em muitos casos, como uma reparação" (BROMBERGER, 1998, p. 36).

As sugestões de Jean-Pierre Digard (1999) sobre o amor e a paixão pelos animais de estimação oferecem outros caminhos para pensar o fenômeno. Ele comenta que o homem moderno "ama" egoisticamente seus animais elegendo, no sistema domesticatório ocidental, os animais familiares como os mais amados. Isso porque a única função manifesta deles é fazer companhia ao homem, colocando espontaneamente estes no centro de seu universo, erguendo-lhes em um pedestal, valorizando-lhes. "Reciprocamente, o que amamos em nossos animais de estimação é seu apego e sua dependência; é a imagem de seres superiores, todo-poderosos e indispensáveis aos outros que nos remete a nós mesmos" (DIGARD, 1999, pp. 135-136). Segundo Digard, há também uma função latente de espelho animal encontrado no animal de

estimação que faz da "paixão animalitária"¹⁰ uma paixão fundamentalmente narcísica.

As análises de Digard sobre a sociedade francesa podem ser aproximadas ao contexto de estudo deste trabalho, em que os animais de companhia também existem e nascem de uma paixão pelos animais. Não se trata, porém, de quaisquer animais. Como ressalta Digard, a "paixão animalitária" que produz os animais de companhia restringe-se a certos animais, justamente aqueles sem uma utilidade expressa. É por isso que o autor qualifica esta paixão "animalitária" como seletiva e hierarquizada. No caso considerado, não há entre os animais de companhia aquelas espécies que fazem parte da vida rural, em fazendas. São gatos, cachorros e animais exóticos que se tornam "de companhia".

No entanto, para além dos elementos explorados por Digard ou por Bromberger pelos conceitos "paixão animalitária" e "paixão ordinária", relativos às emoções constitutivas do fenômeno *pet* e que nos ajudam a compreender algumas de suas facetas, percebemos que nossos interlocutores enfatizam um componente da relação estabelecida com seus animais para o qual não é dada atenção suficiente na literatura supracitada. Nos discursos dos donos de animais de estimação, é muito presente a afirmação de que se deseja um ser vivo que se move, dotado de afetos e com uma qualidade específica – a impossibilidade de trapacear. Procura-se aquilo que alguns interlocutores nomeiam de "amor incondicional" – um amor que não falha, que é pura entrega e depurado de quaisquer equívocos, em uma palavra, perfeito¹¹.

Ter um animal de estimação em casa é ter a garantia de um afeto transbordante que remete os humanos a um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Assim é que, ao mesmo tempo em que se processaria uma "humanização" dos animais de companhia, reconhece-se neles um elemento que inexiste no mundo humano, sendo por isso, principalmente, que se deseja que eles coabitem a intimidade no espaço doméstico. Esse elemento do mundo animal elegido pelos donos que têm animais de companhia é a incondicionalidade do amor, inexistente no "mundo humano", cheio de fissuras, fraturas, mundo em que há o torto.

A "paixão animalitária" de que fala Digard não se constitui, como ele destacou, apenas em um "remédio contra a solidão". Não é a simples companhia que chama a atenção, mas a inserção dos animais como membros da família. Comentamos anteriormente que algumas das transformações contemporâneas relativas ao estatuto do animal de estimação é esta presença cada vez mais constante no interior das famílias humanas. Este processo pode ser designado como "filhotização", como sugere Ingold (2000), e mesmo como

10 O termo utilizado por Digard em francês é *passion animalière* (paixão animalitária), remetendo-nos à ideia de uma espécie de totalitarismo animal.

11 Para um maior desenvolvimento dos aspectos de sacralização acerca do "amor incondicional", ver detalhadamente Érica Onzi Pastori (2012): *Perto e Longe do Coração Selvagem: Um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul*.

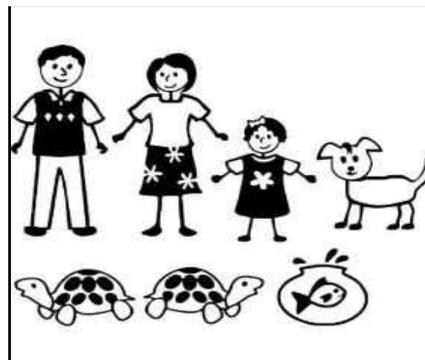
conformando a "família multiespecífica", tal como designam Faraco e Seminotti (2004).¹²

Em uma reportagem intitulada *Família multiespécie é tendência mundial*, concedida ao *Diário do Nordeste*¹³, a médica veterinária Ceres Faraco comentava que há uma tendência crescente no mundo e no Brasil, onde 60% dos lares são habitados por pessoas e seus animais de companhia, especialmente cães.

Não é à toa que estudiosos revêem o conceito de família. Se, antes o principal critério eram os laços de sangue, formando o modelo tradicional de pai, mãe e filhos, hoje, são os laços afetivos que unem pais, filhos e *pets*. A presidente da Associação Médico-Veterinária Brasileira de Bem-Estar Animal, Ceres Berger Faraco, também doutora em Psicologia, afirma que é impossível pensar em família atualmente sem considerar a interação humano-animal. É a chamada família multiespécie. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2010).

É neste sentido que Faraco e Seminotti (2004) sugerem uma nova maneira de pensar a família, procurando incluir os animais de companhia como membros de uma (nova) conformação familiar. Esta inclusão dos animais passou a ser expressa por adesivos, em um certo período muito presentes nos automóveis brasileiros, que destacam a "Família Feliz". Neles, são representados os membros da família com desenhos, como se pode observar nos exemplos abaixo, retirados da *internet*.

Figura 1. Adesivo "Família Feliz" composta por humanos e animais de estimação, retratando uma família multiespecífica.



Fonte: Blog Wagner Marins¹⁴.

12 "A expressão grupo multiespécie foi introduzida por Faraco e Seminotti (2004) e intenta significar o grupo constituído por pessoas com animais, no seu cotidiano. De forma análoga definimos a família multiespécie como o grupo familiar que se reconhece constituído por pessoas e seus animais". O vínculo entre eles seria constituído pelas emoções, o que contribuiria para a afirmação de que as relações entre pessoas e cães sejam relações amorosas. (FARACO; SEMINOTTI, 2006, p. 6)

13 In: goo.gl/KkeEAG.

14 In: goo.gl/GYD2F.

O médico-veterinário é outra figura importante de ser destacada nesta nova composição, pois ele passou a ser tratado também como "médico da família". Primeiramente restrito à atuação como sanitaria (CONY, 2010), o veterinário foi transformando-se, com o passar do século XX, em um profissional de medicina veterinária. Com o desenvolvimento dessa especialidade e prática médica, o veterinário passa a atuar, também, como médico da família, nova condição reforçada pelo Ministério da Saúde que aprovou a entrada deste profissional nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família¹⁵.

A retribuição à incondicionalidade do amor doada pelos animais de estimação aos membros humanos da família é efetuada por meio dos cuidados cada vez mais sofisticados voltados aos *pets*. Nesse sentido, pode-se pensar que, de forma um tanto quanto paradoxal, quanto maior é o amor incondicional doado pelos *pets* aos humanos da casa – a incondicionalidade deve-se justamente ao doar sem esperar algo em troca, sendo assim um ato puro de doação e de entrega –, mais se expandem os negócios do mercado voltado para eles. Por mais que os donos entendam receber de seus animais uma doação de afeto gratuita, comentando seguidamente o caráter incondicional do amor recebido deles, não são poucas as tentativas de os agradar.

Seguindo a proposta de Viviana Zelizer (2005), imaginando o íntimo e a economia como duas esferas entrelaçadas, destacamos que quanto maior é a paixão pelos animais de companhia – quanto mais intensa a *paixão animalitária* –, mais elevado é o investimento econômico a eles destinado. Se a relação de intimidade nas famílias entre humanos e animais de estimação é marcada, conforme visto anteriormente, por troca de afetos intensa, não menos forte é o crescente investimento econômico nesses animais, como indicam os dados de um estudo realizado em 2009, encomendado pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SIDAN) e pela Comissão de Animais de Companhia (COMAC). Estes dados apontam que os estados do sul e sudeste concentram 75% do mercado *pet* no Brasil, sendo Porto Alegre a capital que apresenta o maior percentual de cães ou gatos por residência - 56%.

Alimentos também passaram a ser produzidos especialmente para animais de estimação, sendo que os tipos de rações multiplicam-se em versões cada vez mais complexas no mercado; roupas, até mesmo de luxo, são confeccionadas para os *pets*; serviços de higiene, de estética e de bem-estar, inclusive medicamentos, são produzidos e oferecidos para os consumidores desse mercado emergente e em expansão. As rações são o produto mais importante do mercado *pet*, e a produção de alimentos completos para cães e gatos cresceu 7% em 2010, registrando pouco mais de dois milhões de toneladas, conforme uma notícia veiculada no endereço eletrônico do *Sindicato Nacional da Indústria da Alimentação Animal* (www.sindiracoes.org.br), que indica a dinâmica própria à produção de rações para os *pets*. O investimento em vestuário também merece destaque, e grande parte do mercado destinado aos animais de estimação tem se especializado no incremento das roupas para *pets*.

15 Trata-se da portaria 2.488 aprovada em 2011, que destaca a inclusão, entre outros pontos, da Medicina Veterinária entre as profissões integrantes dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF).

O mercado *pet* constitui-se a partir da transformação dos animais de companhia nos consumidores para quem é fabricada uma grande variedade de produtos. Nesse processo, a eles não são mais reservados os restos de produtos dos humanos – comidas, roupas e medicamentos. Os produtos são fabricados para os próprios *pets*, que acabam sendo erigidos como sujeitos de um mercado específico, os sujeitos consumidores do mercado *pet*. Segundo o SINDAN, o mercado de produtos de saúde para animais de companhia “está aquecido”, e os últimos anos foram de crescimento, sendo que o seu potencial ainda é grande, posto que há muitas pessoas que ainda utilizam produtos para humanos nos *pets*. Em 2007, ao todo, a indústria de produtos para saúde animal de *pets* movimentou em torno de R\$ 285 milhões, e estima-se que tenham sido comercializados mais de 50 milhões de doses quando somadas todas as categorias de medicamentos.¹⁶ Conforme o SINDAM, estima-se que cerca de 80% dos médicos veterinários brasileiros ainda utilizam medicamentos para saúde humana em animais por desconhecer as soluções já desenvolvidas pela indústria; estima-se também que apenas 25% da população brasileira de cães e gatos recebem algum cuidado veterinário (dados fornecidos pela COMAC).

As *pet shops*, importantes espaços que compõem o atual mercado *pet*, encontram nas “lojas agropecuárias” uma de suas origens. Nestas, realiza-se o comércio de animais, de rações e de produtos para animais de estimação, com especial ênfase na comercialização de medicamentos. Em conversa com a senhora Beatriz, proprietária de uma “loja agropecuária”, quando perguntada sobre as diferenças entre uma *pet shop* e seu estabelecimento, ela afirmou que nas agropecuárias as rações são vendidas a granel, enquanto apontava para as “sacarias” onde são armazenadas as rações, o que não seria encontrado em uma *pet shop*, por exemplo. Segundo ela, bastaria observar que, em uma “agropecuária”, há gaiolas com animais, diferentemente de uma *pet shop*, onde elas inexistem. Afirmou ainda que outra dessemelhança é a venda, nas “lojas agropecuárias”, de venenos para pequenos bichos, tais como lesmas, enquanto em uma *pet shop* jamais se encontraria isso.

Dessa maneira, Beatriz elencou elementos importantes que diferenciam os dois tipos de estabelecimento, sendo que as lojas agropecuárias têm forte cheiro de rações, pois são vendidas porções a quilo, e também intensos e constantes ruídos produzidos pelos pássaros aprisionados nas pequenas gaiolas, dispostas de forma pouco calculada nos cantos e em meio ao espaço da loja. Beatriz destacou ainda que sua loja era “rústica”, sendo essa outra característica das “agropecuárias” em relação às *pet shops*, as quais seriam “lojas de grife”: a organização dos produtos nas *pet shops* não é “assim”, caótica. Lá, tudo é muito cuidado, as rações são individualizadas, há roupas para os animais, há serviços de banho e de tosa, bem como, há sempre serviço de atendimento veterinário. Há produtos caros nas “lojas de grife”, enquanto nas “agropecuárias” não há; até mesmo, pode ser que se encontre um produto

16 In: goo.gl/3Xeql .

"aqui" idêntico ao "da loja *Mundo Animal*¹⁷, do Moinhos de Vento"¹⁸, mas há quem prefere ir lá "pra dizer que foi na *Mundo Animal*..."

No trabalho de Samantha Oliveira (2006), não se encontrou a diferenciação de *pet shops* e de "lojas agropecuárias", mas daquelas em relação às "casas de rações". A autora elegeu três elementos como sendo específicos das primeiras – a sala de banho e tosa, o consultório veterinário e a hospedagem. Mesmo que as conversas com pessoas que integram o "universo *pet*" estabeleçam uma diferença acentuada entre as *pet shops* e as "lojas agropecuárias", há um processo mais complexo em curso, pois há "lojas agropecuárias" que estão passando por uma transição no sentido de tornarem-se *pet shops*, oferecendo serviços típicos desses espaços e, também, vendendo seus produtos característicos. Por fim, há "agropecuárias" que são simultaneamente *pet shops*, imiscuindo serviços e produtos próprios de um e de outro tipo de estabelecimento comercial.

A "ajuda animalitária" em meio a uma "favela de cães"

Conforme destacamos, o surgimento (e o aumento) de um mercado voltado aos animais responde a uma demanda e deve-se, da mesma forma, ao aumento do número de animais em residências. No entanto, na mesma proporção em que aumenta o mercado voltado aos animais, aumenta o número de animais abandonados, disponíveis para adoção. O crescimento da população de animais de estimação não pode ser explicado apenas por uma "paixão animalitária" que impele ao acolhimento destes em uma "família feliz".

Ao mesmo tempo em que os animais de estimação podem ser amados e ser fontes de um amor dito por nossos interlocutores como "incondicional", eles também podem ser descartados, o que leva, igualmente, ao crescimento da população de animais não apenas nas residências, mas também nas ruas. E é em torno desses animais errantes que ocorre o trabalho de grupos dispostos a resgatá-los. Estes grupos pautam suas ações em relação a estes animais sob a mesma perspectiva conferida a crianças, adolescentes e mesmo adultos em situação de rua. Os animais, como as campanhas de adoção bem enfatizam, também necessitam de um "lar", de "proteção" e de "amor".

Nas situações em que há o abandono, não é a mesma "paixão animalitária" em relação ao animal bem tratado que movem e impulsionam práticas de resgate e acolhimento dos mal tratados, mas a (com)paixão pelo sofrimento do outro, que neste caso é um animal. E é neste sentido que propomos que ações como estas sejam analisadas sob o prisma do que designamos como "ajuda animalitária" em analogia às ações de ajuda humanitária. Como observa Fassin (2010), ao analisar a entrada de sentimentos morais no espaço público, em se tratando especificamente da questão da ajuda humanitária na sociedade ocidental, o vocabulário do sofrimento e da compaixão passou a fazer parte, nacional e internacionalmente,

17 A loja *Mundo Animal* anuncia-se como a pioneira desse ramo em Porto Alegre e, como é possível conferir abaixo, no histórico da loja publicado no seu site, é atribuída importância muito grande a influências norte-americanas para a concepção do empreendimento.

18 Bairro com predominância de moradores pertencentes a classes mais altas na cidade.

da nossa vida política. Esta "política da compaixão", segundo ele, coloca em relação Estados, organizações não-governamentais, instituições internacionais e coletividades. É esse relacionamento específico, em nome de uma causa, não humanitária, mas "animalitária", transpondo a análise de Fassin aos termos de Digard¹⁹, que esta sessão propõe colocar em perspectiva (antropológica). O neologismo, aparentemente bizarro, torna-se apropriado para a análise de casos em que os animais se tornam alvo do trabalho voluntário, baseado numa "ética da responsabilidade" e do dever moral de auxílio aos necessitados, neste caso, os animais de rua.

O abrigo é administrado por uma ONG de proteção animal - a Sociedade Amigos dos Animais (SOAMA) -, e está situado no município de Caxias do Sul, a 128 km de Porto Alegre. Segundo dados estimados pela própria ONG, o espaço abriga atualmente cerca de dois mil cães e gatos (porém, o número expressivo é de cães) abandonados pelas ruas da cidade. A denominação "favela de cães" surgiu de reportagens realizadas no local pela mídia inglesa, como *The Sun* e *Daily Mail*, e pela Agência *Reuters*. A seguir, um fragmento do que foi noticiado:

The real slumdogs: The 1,600 four-legged inhabitants of their OWN Brazilian favela - Although most Brazilian slums are fairly rough places, only one can be said to have truly gone to the dogs. That's because this shanty town, or 'favela', in Caxias do Sul, is devoted to the canine community - housing 1,600 stray hounds (...) The animals' lives mirror those of millions of poor Brazilians living in shacks known as favelas. (*Daily Mail - mail online*, junho de 2010).²⁰

Figura 2. Chácara da Sociedade Amigos dos animais (SOAMA)



Fonte: Autoria de Liziane Gonçalves de Matos.

Essas reportagens retratam a chácara tal como uma "favela" de humanos. Não parece ser por acaso, do ponto de vista das reportagens citadas, que esta

19 O engajamento e a militância pelos direitos dos animais podem ser analisados sob a perspectiva do "militantismo animalitário", na acepção de Jean-Pierre Digard (1990; 1999), que se refere àqueles que lutam por uma "causa animalitária" da mesma forma como outros se engajam na "causa humanitária". Segundo o autor: «J'appelle militants animalitaires tous ceux qui luttent pour une cause animale comme d'autres s'investissent dans des combats humanitaires» (DIGARD, 1999, p. 97).

20 Reportagem acessada em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2002996/The-real-slumdogs-The-legged-inhabitants-OWN-Brazilian-favela.html>.

se encontra no Brasil, “espelhando a realidade de milhões de brasileiros pobres”. Além de humanos necessitados, há cães na mesma situação. O conglomerado de casas com telhados de zinco é o que tornaria a semelhança evidente. Neste caso, contudo, não se trata de uma das favelas existentes no Brasil, mas de um abrigo para cães.

Em outra reportagem sobre a SOAMA, desta vez realizada pelo site UOL, ao contrário do que sugere a mídia inglesa, há outra definição: não se trata de uma favela de cães, como a chácara ficou conhecida. A Soama está mais para um campo de refugiados, onde centenas de animais, antes abandonados à própria sorte, recebem atenção e esperam por um novo lar²¹.

O que faz o local parecer-se com um campo de refugiados é o fato de se tratar de um espaço que transforma o abandono em acolhimento para cães, “vítimas passivas” de uma “humanidade cruel”, e que “sofrem silenciosamente”. Segundo Fassin (2010), é a compaixão ao infortúnio do próximo (que, nesse caso, é um animal) que produz uma indignação moral suscetível de gerar uma ação (aqui, animalitária) visando seu encerramento.

A imagem que se tem do local é o de um depósito de animais, tal como são designados comumente os campos de refugiados – de depósitos de pessoas –, porém, todos os cães recebem tratamento adequado. Alguns desses animais são abandonados no portão, outros recolhidos das ruas através de denúncias. Ainda que alguns sejam “de raça”, esses perderam seu valor ou porque cresceram demais, ou porque se tornaram velhos demais. Apesar da ONG receber uma verba mensal da prefeitura, garantida pelo Ministério Público, através da lei federal que institui que os animais são tutelados pelo Estado, a verba se tornou insuficiente ante a uma população que não para de crescer.

A ideia inicial, de se ter na chácara uma espécie de casa de passagem, um abrigo temporário para desabrigados, como um albergue (e mesmo um campo de refugiados), não chegou efetivamente a ser colocada em prática, pois muitos animais acabam não sendo adotados nas feiras de adoção organizadas pela SOAMA, e também por essa ser reconhecida no município como a entidade que cuida dos animais abandonados, para onde acabam sendo conduzidos todos os animais errantes. Os animais acabam sendo, da mesma forma, rejeitados por adotantes. Tal como na adoção de crianças, cuja preferência é por bebês recém nascidos, do sexo feminino e de cor branca, o mesmo ocorre com os animais disponíveis para adoção, cuja preferência recai sob aqueles de pequeno porte e ainda filhotes.

21 Reportagem intitulada *Com 1.800 animais, ONG vira "campo de refugiados" no Rio Grande do Sul*. De Lucas Azevedo, publicada em 19/06/2011. In: goo.gl/up3Vt4.

Figura 3. Chácara da Sociedade Amigos dos Animais (SOAMA)

Fonte: Autoria de Liziane Gonçalves de Matos.

Esta ênfase dada ao estatuto dos animais – de que são sujeitos (de direitos) e não “objetos” ou “coisas” descartáveis – está presente no discurso de diversos protetores e militantes da “causa animal”. Nos casos de “ajuda animalitária”, é esse estatuto que confere proximidade e justifica ações de auxílio e a solidariedade com relação a eles. No entanto, o paradoxo da relação entre humanos e animais residiria no fato de que os últimos seriam sujeitos sem agência, ou ao menos não a teriam nos mesmos termos de uma agência humana.

Assim, os animais seriam sujeitos de direitos sobre os quais os humanos é que possuiriam responsabilidade e compromisso. O *status* de agente ou a capacidade para ação e (inter)ação dos animais não são reconhecidos pelo direito ocidental. Bevilaqua (2011), ao analisar o dualismo jurídico entre pessoas e coisas no direito ocidental, destaca que os questionamentos sobre a existência jurídica dos animais como “coisas” promovidos por militantes pelos direitos dos animais e mesmo, na prática, por processos judiciais que envolvem animais (nos casos analisados por ela, de grandes primatas) não ultrapassam ou redefinem o dualismo. Segundo a autora, a agência humana é a única forma de agência concebível no direito ocidental. Neste sentido,

(...) O problema suscitado pelas demandas de reconhecimento de seres vivos não humanos como sujeitos de direitos, portanto, é precisamente como definir – e, assim, trazer à existência – uma diferença que, em si mesma, difere dos modos de diferenciação definidos pela oposição pessoa/coisa e pelo princípio de agência que, contido num dos pólos, preside as relações entre ambos. (BEVILAQUA, 2011, p. 98)

O trabalho voluntário de “ajuda animalitária”, tal como as ações ditas humanitárias, pode ser analisado como possuindo um caráter de abnegação – constitui-se em gesto de solidariedade e desprendimento ou mesmo em doação, o que não corresponde à lógica convencional da reciprocidade na tríade dar-receber-retribuir. Casos de “ajuda animalitária” e humanitária adquirem parte de seu sentido pelo descompasso entre dar e receber, constituindo-se numa troca assimétrica e não equivalente. Isto porque ajudar um animal abandonado equivaleria a realizar uma dádiva, empenhando tempo, dinheiro e afeto no cuidado deste.

Como destaca Fassin (2010), ao analisar os casos de ajuda humanitária, não é a condescendência do “ajudante” que está em causa. Bem mais do que o significado do seu ato de ajudar estão em jogo as condições do relacionamento social que ligam as duas partes e que, além de toda intenção dos agentes, faz da compaixão um sentimento moral sem reciprocidade possível. No entanto, o dom aparentemente desinteressado supõe um contra-dom sob a forma de uma obrigação que liga recebedor a benfeitor como, por exemplo, a manifestação de reconhecimento. No caso da “ajuda animalitária” o contra-dom é o “amor incondicional” que protetores alegam receber dos animais que ajudam. Em várias passagens do trabalho de campo, escutamos que receber o carinho de um animal, que expressa em seu olhar o agradecimento pela ajuda e acolhimento, torna-se “impagável”.

Fassin (2010), ao analisar o que ele designa como “razão humanitária”, destaca que esta governa “vidas precárias”, como estrangeiros doentes, vítimas de catástrofes e conflitos, doentes de AIDS, vidas ameaçadas e esquecidas. A chácara da SOAMA abriga animais velhos, doentes, de grande porte, alguns chegam com sinais de violência, outros atropelados, rejeitados por seus donos e também destinados para adoção. São estas “vidas precárias” que caracterizam o perfil dos animais lá abandonados e justificam ações de “ajuda animalitária”, ações estas que buscam abreviar o sofrimento de animais considerados sem valor em “zonas de abandono” (BIEHL, 2005)²², como pode ser considerado o caso da chácara.

Aliás, é o discurso do “respeito a todas as formas de vida” que também justifica o trabalho de diversas ONGs ligadas à “causa animal”. Neste caso, trata-se de uma busca pela desconstrução do antropocentrismo, do especismo²³

22 Valendo-se da acepção de João Biehl (2005) quando este analisa o Vita, um centro de reabilitação para drogados em Porto Alegre onde famílias, instituições médicas e o Estado abandonam doentes mentais, deficientes físicos, pacientes com AIDS, etc., como se fossem ex humanos. Nestas zonas de morte social, os abandonados aguardam a iminente morte física, como foi o caso de Catarina, com a qual Biehl realizou um estudo de caso.

23 O termo *especismo* foi cunhado na década de 70 pelo filósofo e psicólogo britânico Richard Ryder, um dos fundadores do moderno movimento pelos direitos dos animais. Ele se refere à crença generalizada de que a espécie humana é inerentemente superior a outras espécies e, por isso, tem direitos ou privilégios que são negados a outros animais. (In: goo.gl/5yGZCJ). No entanto, foi o filósofo australiano Peter Singer que difundiu o conceito, comparando-o ao racismo e ao sexismo, destacando que não haveria razões para se recusar a estender o princípio básico de igualdade a animais não humanos. O antropocentrismo seria uma forma de especismo, na medida em que atribui à espécie humana uma superioridade em relação aos animais.

e de uma moralidade que contemple a vida humana como acima de todas as "outras vidas". Se a ajuda humanitária se constitui numa ação que busca abreviar o sofrimento de um "outro", que é reconhecido como semelhante, as ações de "ajuda animalitária" são impulsionadas por uma sensibilidade ao sofrimento de um "outro", que é um animal, mas que é, ao mesmo tempo, semelhante por compartilhar a vida, no sentido amplo do termo – "*não é só um cachorro, mas uma vida!*", como destacou uma das administradoras da chácara. Neste "encontro de alteridades", a experiência de se sentir tocado ou afetado pelo sofrimento de animais induz as ações no sentido de salvar suas vidas.

Não se abandona aqueles que são importantes e valorizados pelo grupo, mas, como já destacou Biehl (2005), abandonam-se aqueles que não possuem valor algum. Exilados nestas "zonas de indiferença", como destaca Agamben (2002), estes indivíduos constituem-se em alvo de ações humanitárias, que buscam promover a "inclusão através da exclusão", incluir os que foram excluídos, acolhendo-os da situação de abandono a que acabam sendo submetidos. Aqui, o paralelo com os animais da SOAMA e de "ajuda animalitária" torna-se evidente. Para protetores e defensores, os animais são seres vivos suscetíveis, da mesma forma que os humanos, ao sofrimento – são seres sencientes. Quanto a isso, em entrevista realizada com a diretora de marketing da SOAMA, durante visita a chácara em julho de 2011, ela destacou que:

Eu sempre começo minhas palestras nas escolas assim: vocês já pararam pra pensar que os animais sentem como nós, mas não podem pedir socorro? Os animais apanham em silêncio, sentem fome em silêncio. Eu sempre falo que existem pessoas boas e pessoas más, e que os animais tem sorte ou azar.

Mas, por que se engajar numa causa animalitária e não humanitária? Ou, por que ajudar animais e não crianças, por exemplo, quando há tantas que necessitam de auxílio e se encontram em situação de rua? Essas questões tornaram-se senso comum para protetores e militantes, posto que se constituem exatamente nas críticas que recebem em relação ao trabalho que realizam, evidenciando as moralidades existentes no que tange ao estatuto e tratamento dos animais. Para eles, todos os necessitados devem receber auxílio. Enquanto uns se engajam no trabalho humanitário, outros o fazem no trabalho "animalitário".

O trabalho voluntário de ajuda aos animais, diferentemente do que sugere Digard (1990; 1999) em sua análise crítica ao "militantismo animalitário"²⁴ na França, não se constitui em uma "misantropia"²⁵ ou mesmo em uma insensibilidade ao sofrimento de humanos. Em campo, há muitos relatos de que a sensibilidade que move ações de solidariedade não encerra em pólos distintos humanos e animais. Em outra entrevista realizada com uma

24 O termo foi cunhado por Jean-Pierre Digard (1990; 1999), como o apontado em nota de rodapé anterior.

25 No sentido empregado pelo dicionário Aurélio, de uma aversão aos homens ou antropofobia.

diretora de marketing, desta vez do *Projeto Bicho de Rua*, uma ONG de proteção animal em Porto Alegre, esse argumento foi ressaltado:

As ações de bem estar não precisam ser exclusivas, todos precisam de cuidados. Isso não quer dizer que não se goste de gente. As ações de solidariedade não podem ser restritivas, ou um ou outro. Não! Isso também é discriminação. Tudo bem, gente é gente, bicho é bicho, existe uma distância, mas parece que tudo é muito polarizado, isso é um bom investimento, isso não é. Isso é que precisa ser modificado, se o animal estiver bem tratado, ele não vai transmitir doenças, o que se faz de bem lá, reflete aqui, os benefícios acontecem nos dois lados. Não se pode separar a causa animal da causa social.

Há também casos em que a ajuda humanitária e animalitária se confundem, quando ocorrem catástrofes naturais, por exemplo, como tsunamis e enchentes. Nesses casos, grupos de voluntários reúnem-se em busca de animais que foram deixados para trás na fuga de seus donos por abrigo ou que se perderam deles. Além de comida, água e medicamentos, esses grupos organizam feiras de adoção para tais animais. As catástrofes naturais representam momentos privilegiados de manifestação da solidariedade. Nessas situações, como destaca Fassin (2010), as intervenções humanitárias apresentam um caráter de urgência, no sentido de agir imediatamente, e que têm como prioridade salvar vidas.

A retórica da urgência para salvar vidas, como destacou Fassin (2010), perpassa os discursos de ONGs e de protetores que se engajam no auxílio de "vítimas esquecidas" dos desastres naturais, quando as atenções e a ajuda dirigem-se aos humanos. Torna-se importante destacar que mesmo a defesa civil passou a incluir os animais em seus planos e estratégias para desastres naturais, outrora dirigidos apenas aos humanos²⁶. Na esteira do que sugere Sordi (2011), em sua análise de movimentos abolicionistas em Porto Alegre, as ações de "ajuda animalitária" corresponderiam à lógica de protetores bem-estaristas, a qual não se volta à defesa - relacionada a uma dimensão política e encompasada pela lógica dos direitos civis - mas à proteção, a qual é relacionada a uma dimensão afetiva.

Todas essas ações são representativas da transformação da sensibilidade em relação aos animais. Ainda que, na perspectiva de protetores e militantes, elas sejam uma valorização de "todas as formas de vida" posto que, discursiva e moralmente, todas as formas de vida deveriam ser salvas ou deveriam receber ações de ajuda "animalitária", é possível verificar que elas se dirigem a determinadas vidas, ou a determinados seres vivos não humanos, no caso, aos cães e aos gatos.

Considerações finais

Abordamos neste artigo, por um lado, o processo que tem sido comumente denominado de "humanização" dos *pets*, mostrando que está em curso, em diversos níveis, uma maior aproximação dos seres humanos aos seus

26 O caso de São Paulo é um exemplo significativo desta mudança. In: goo.gl/CxnBIw .

animais de estimação, movidos por uma "paixão animalitária". A família multiespecífica, o médico veterinário da família e o mercado *pet* apontam para uma nova configuração em relação ao tratamento desses animais. Por outro lado, trouxemos os casos em que, para além do cuidado e do investimento, há o descarte e o abandono, que envolvem grupos engajados numa "ajuda animalitária", dispostos a resgatar e prestar auxílio a animais necessitados.

Destacamos, igualmente, as sensibilidades envolvidas nesses relacionamentos. Tanto os donos de *pets* como os agentes de "ajuda animalitária" afirmam receber desses animais algo que inexiste no "mundo humano", ou melhor, algo que os humanos não podem lhes oferecer: um "amor incondicional", um transbordar de afetos que os torna insubstituíveis como membros - filhos ou irmãos - da família multiespecífica, afinal, seriam fontes de afeto sincero e de pureza.

Vimos, portanto, que a agência dos animais de estimação é muito atrelada aos afetos por eles doados aos humanos, quer seja no bojo da família multiespecífica quer seja na retribuição à ajuda que recebem de agentes animalitários vinculados a lugares como a chácara da SOAMA em Caxias do Sul. No entanto, o "amor incondicional", de que falam nossos interlocutores, não basta para explicar os afetos em jogo, pois também há casos de abandono e de maus tratos, o que sugere que esse amor desmedido não afeta a todos da mesma forma. Por seu turno, o mesmo "amor incondicional" oferecido pelos animais é o que motiva a solidariedade e a ação das pessoas envolvidas em atividades de ajuda aos animais abandonados.

É dessa maneira que a noção de Digard de "petshismo", uma espécie de "fetichismo", pode ajudar-nos a compreender os paradoxos observados em campo. Primeiramente, quanto mais os donos de *pets* assinalam a relevância dos afetos incondicionais recebidos de seus animais, maiores são os gastos despendidos por esses "apaixonados ordinários" (DIGARD, 1990) no mercado *pet*, que oferece cada vez mais produtos e serviços para esses consumidores animais.

Posteriormente, observamos que, ao lado do surgimento da família multiespecífica e dos tratamentos que tomam um sentido de humanização dos *pets* - ou de sobrehumanização -, há um número crescente de animais de estimação que são abandonados. Alguns deles que passaram por atos de abandono podem vir a receber auxílio de agentes envolvidos com a causa animal e, desse modo, a ajuda animalitária pode ser compreendida como uma maneira de reconstituir, entre agentes animalitários e animais abandonados, uma relação entre sujeitos. Em campo, observamos que há uma troca muito importante que ocorre nessa relação entre agentes animalitários e animais: os animais doam um amor incondicional àqueles que lhes ofereceram ajuda.

O reconhecimento dos animais como "sujeitos de direitos" e a sua inclusão na esfera de preocupação moral como "sujeitos" que "sentem" é um movimento que os retira do pólo no qual são concebidos como "objetos" ou "coisas" descartáveis. Nesse sentido, a questão da "ajuda animalitária", longe de ser uma transposição ou analogia simplista com a ajuda humanitária, serve para descortinar uma série de aspectos sobre esta nova configuração em relação aos animais, explicitando moralidades e sensibilidades cuja ênfase vai desde uma "paixão animalitária" até o repúdio ou indignação ao "sofrimento

desnecessário”, ao “auxílio aos necessitados” - no caso, animais - e, inclusive, a consciência de uma responsabilidade moral da espécie humana em assegurar o bem-estar de (certos) animais. Sugerimos, desse modo, que há uma “ética da responsabilidade” e do bem-estar animal(itários).

No entanto, o paradoxo do “amor incondicional” e do abandono de animais de estimação ainda precisa ser aprofundado, apesar das pistas aqui oferecidas para sua compreensão, que incluem: do amor e do investimento, tanto de tempo como de dinheiro, ao descarte e aos maus tratos; bem como a “paixão animalitária”, que parece justificar as mudanças em relação ao tratamento dos animais, e a (com)paixão e a “ajuda animalitária”, que não justificam o abandono e os maus-tratos.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. 2002. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BEVILAQUA, Ciméa. 2011. Chimpanzés em juízos: pessoas, coisas, diferenças. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre n. 35, pp. 65-102.
- BIEHL, João. 2005. *Vita: Life in a Zone of Social Abandonment*. Berkeley, CA: University of California Press.
- BROMBERGER, Christian. 2002. *Passions ordinaires. Football, jardinage, généalogie, concours de dictée...* Paris: Hachette.
- CHEVALLIER, Denis. 1988. Avant-Propos. *Terrain, Revue de Ethnologie de l'Europe - des hommes et des bêtes*. Disponível em <www.terrain.revues.org/index2924.html>. Acessado em 20 de jan. de 2011.
- DELAPORTE, Yves. 1988. Les Chats Du Père-Lachaise. Contribution à l'ethnozoologie urbaine. *Terrain, Revue de Ethnologie de l'Europe - des hommes et des bêtes*, n.10. Disponível em <www.terrain.revues.org/index2927.html>. Acessado em 20 de jan. de 2011.
- DESCOLA, Philippe. 1998. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, pp. 23-45.
- DESCOLA, Philippe. 2005. *Par de-là Nature et Culture*. Paris: Gallimard.
- DIGARD, Jean-Pierre. 1990. *L'homme et Les Animaux Domestiques: Anthropologie d'une passion*. Paris: Fayard, Les temps des sciences.
- DIGARD, Jean-Pierre. 1999. *Les français et leurs animaux - ethnologie d'un phenomene de societé*. Paris: Fayard.
- DIGARD, Jean-Pierre. 2002. Une Passion Cathartique: les animaux de compagnie. In: BROMBERGER, Christian. *Passions ordinaires. Football, jardinage, généalogie, concours de dictée...* Paris: Hachette.
- ELIAS, Norbert. 1994. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. 2006. A crueldade com animais: como identificar seus sinais? O Médico Veterinário e a prevenção da violência doméstica. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, 37, pp. 66-71.

- FASSIN, Didier. 2010. *La Raison Humanitaire: une histoire morale du temps présent*. Paris: Hautes Études, Gallimard Seuil.
- INGOLD, Tim. 1995. Humanidade e animalidade. ANPOCS. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n.28, p. 30-53.
- KULICK, Don. 2009. Animais Gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. *Mana*, Rio de Janeiro, n.15, v. 2, pp. 481-508.
- LEZÉ, Samuel. 2002/3. Décrire l'animal. *L'Homme – École de Hautes Études em Sciences Sociales*, L'Éditions de l'EHSS, n. 163, pp. 229-234.
- MATOS, Liziane Gonçalves de. 2012. "Quando a ajuda é animalitária": Um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS.
- MULLIN, Molly. 1999. Mirrors and Windows: Sociocultural studies of human-animal relationships. *Annual Review of Anthropology*, n. 28, pp. 201-224
- MULLIN, Molly. 2002. Animals and Anthropology. *Society & Animals*, Ann Arbor, v. 10, n. 4, pp. 387-393.
- NOSKE, Barbara. 1993. The animal question in Anthropology. *Society and Animals*, Ann Arbor, v. 1, n. 2, pp. 185-190.
- OLIVEIRA, S. C. de. 2006. *Sobre Homens e Cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- PASTORI, Érica Onzi. 2012. *Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, RS*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS.
- PIETTE, Albert. 2002. Entre l'homme et le chien. *Socio-anthropologie*, n. 11. Disponível em: <<http://socio-anthropologie.revues.org/index141.html>>. Acessado em 12 de nov. de 2011.
- SEGATA, Jean. 2011-II, 2012. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. *Anuário Antropológico*, Brasília, pp. 177-204. Disponível em: <<http://goo.gl/lv8jyJ>> Acessado em 10 de out. de 2015.
- SEGATA, Jean. 2012. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- SORDI, Caetano. 2011. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. *Cadernos IHU Idéias (UNISINOS)*, São Leopoldo, v. 145, pp. 3-28.
- THOMAS, Keith. 1996. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ZELIZER, Viviana. 2005. Intimité et économie. *Terrain*, Paris, n. 45, pp. 13-28.

Fontes consultadas

- ADESIVOS família feliz para carros. *Mundo das tribos*. Disponível em: <goo.gl/GYD2F>. Acessado 30 de jun. de 2011.
- AZEVEDO, Lucas. *Com 1.800 animais, ONG vira "campo de refugiados" no Rio Grande do Sul*. Especial para o UOL Notícias. 19/03/2011. Disponível em: <goo.gl/up3Vt4> . Acessado em agos. de 2011.
- BARRETO, A. de V. Paes. Editorial. Ano XVI, n. 95, novembro/dezembro, 2011, *Clínica Veterinária*. Disponível em: <goo.gl/cvXpQ>. Acessado em 20 de fev. de 2012.
- ENTRA EN vigor la prohibición de las corridas de toros*. 2012. Jornal El País. Disponível em: <goo.gl/4a5YDn> Acessado em nov. de 2011.
- LUCAZEAU, Olivier. *Caça à raposa com cães termina no Reino Unido*. 2005. Disponível em: <goo.gl/4pxaOj>. Acessado em out. 2011.
- PIMENTEL, Alex. *Família multiespécie é tendência mundial*. 2010. Disponível em: <goo.gl/KkEAG>. Acessado em nov. de 2011.
- RESGATE DE cães mostra força do movimento pró-animais na China*. 2011. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <goo.gl/QmE9Qe>. Acessado em nov. de 2011.
- SPECISM*. Disponível em: <goo.gl/5yGZCJ>. Acessado em out. de 2011.